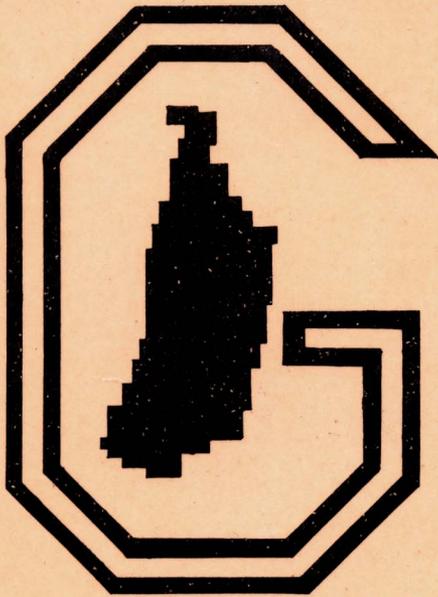


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

# BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

VOL. 4/5/6 N. 1/2 – JANEIRO/DEZEMBRO 1984/85/86

## DOIS ESTUDOS SOBRE PICOS

Professores do Departamento de Geografia - UFG

- José Eduardo A. Macedo Costa (Diretor do Campus de Picos)
- Horieste Gomes (Coordenador da Pesquisa)

Alunos Estagiários

- Cione Silva Vital
- Ellen Mendonça do Carmo
- Esther B. Sampaio
- Hilton Yssao Súmizono
- Marta Souza de Castro
- Ruth Ferreira Vaz

### INTRODUÇÃO

Os dois estudos em questão fazem parte de uma pesquisa maior levada à prática nos idos de 1981 e concluída, parcialmente, em 1983. A pesquisa buscou alcançar objetivos bem determinados nas seguintes modalidades, definidas em termos de objetivos:

- a) Gerais - fornecer aos estagiários fundamentos de pesquisa teórica e prática no sentido de que conheçam melhor as interações interdependentes entre o homem e a natureza;
  - fornecer as localizações da produção material (agro-pastoril, industrial, etc.) no contexto do meio geográfico, bem como o respectivo intercâmbio de produtos, de matérias-primas, de passageiros, por intermédio do sistema de transporte viário, possibilitando ao surgimento da relação produção-consumo;
- b) Específicos - fornecer aos estágios elementos fundamentais de pesquisa científica, a fim de que eles possam desenvolver a metodologia geográfica calcada na observação direta, e consequente aplicação dos princípios, métodos e técnicas aplicados à realidade objetiva. No caso em questão, o fato geográfico sob pesquisa;
  - Idem, no sentido de desenvolver a auto-atividade dos estagiários por intermédio dos mecanismos da prática;
  - Idem, no tocante ao desenvolvimento de hábitos de análise e de condução da pesquisa, por meio do emprego do raciocínio lógico dialético, do exercício de leituras selecionadas, de busca das causas e das interações dos fenômenos, etc.

## I - O QUADRO HISTÓRICO

À semelhança de inúmeras cidades brasileiras, Picos teve o seu marco histórico resultante do pouso e comércio de gado efetuadas por tropeiros e fazendeiros oriundos em sua maioria de Pernambuco, Bahia e Ceará.

Ao longo das décadas, a partir do século XVIII, eles foram se fixando nas ricas e extensas pastagens naturais existentes na região do sudeste piauiense

Primitivamente, o local onde se situa a cidade nos dias atuais era uma fazenda de gado vacum denominada Curralinho de propriedade da família Borges Leal e encontrava-se inserida num contexto maior de outras fazendas - Susuapara, - Samambaia, Bocaina, etc.. As funções mencionadas exercidas pelos fazendeiros e cavalarianos da região centralizavam-se, preferencialmente, no espaço da fazenda Curralinho.

No interior do sítio primitivo desenvolveu-se um pequeno povoado denominado Nossa Senhora dos Remédios que em 20 de dezembro de 1855 pela Lei Provincial nº 397 foi alçada à categoria de vila. Este ato ocorreu após desmembrar-se da jurisdição da antiga capital do Estado do Piauí, a cidade de Oeiras.

Pela Lei Provincial nº 468 de 1859 o então distrito judicial de Picos incorporou-se à comarca de Jaicós.

Com a República, desliga-se de Jaicós e a nova Comarca então estabelecida é elevada à categoria de cidade (Resolução Estadual nº 33 de 13/12/1890, baixada na gestão do Barão de Uruçuí).

As condições naturais da área escolhida primavam por possuir solos dotados de elevadas potencialidades, exuberantes coberturas de pastagens, importantes rede de drenagem do rio Guaribas e por possuir topografia com vales abertos propícios à prática de atividades agro-pastoris.

Uma série de morros e chapadas em forma de tabuleiros, de colinas onduladas e amplos vales que se estendiam de leste a nordeste, dava à área correspondida um aspecto de irregularidade morfológica favorável à fixação do elemento humano.

Algumas serras inseridas neste contexto topográfico, como a do Atalaia, do Tanque, do Jacu, do Brejinho, dos Atalhos, da Vermelha, da Bocaina etc., completava a fisionomia morfológica da área ocupada.

Nos planaltos de algumas elevações serranas, como exemplo na serra do Jacu, bem como nos sopês de morros e das chapadas, os moradores praticavam atividades ligadas ao aproveitamento de ordem econômica (cultivo da mandioca, de cereais, de cana-de-açúcar )

Algumas lagoas intermitentes localizadas em fazendas, citamos como exemplo a da Onça, Lagoa Grande, das Abóboras etc., inseriam-se no quadro natural da região.

No geral, no tocante a salubridade climática, na estação "inverno sa" eram constantes as febres intermitentes, enquanto que na estação "calmo sa" pioravam as condições de salubridade dado que o calor condicionava o aparecimento das chamadas febres ditas biliosas.

Dos seus primórdios às primeiras décadas do século XX, o município de Picos possuiu inúmeras variedades de madeiras de lei; de plantas silvestres medicinais; fibrosas e extrativas; de espécies frutíferas. Madeiras de construção, de marcenaria e tinturaria, tais como: o jatobá, o tamboril, a braúna, a aroeira, o cedro, o pau-d'arco, o jacarandá, o urucu, o aniê e a amburana de cheiro, eram bastante conhecidas pelos habitantes da região. As plantas medicinais como a quina, a sabaíba, a marcela, o fedegoso, a jurubeba, o pajéu, a jalapa, o angico, a batata de teú, etc., bem como as extrativas, como a carnaúba e a maniçoba, possuíam significativa expressão econômica. Dentre as espécies frutíferas naturais destacava-se o umbú, a pitomba, a caja, o araticum, o maracujá, o coroatá, o axixá, etc. Entre as cultivadas sobressaíam o cajú, a banana, o abacate, a manga, o ananaz, o côco, a laranja, a jaca, etc.

As plantas cultivadas nos vales picoenses (arroz, feijão, milho, cana-de-açúcar, mandioca, gergelim, amendoim, algodão, batata, cebola, alho, fumo, gengibre, etc., fizeram do município de Picos um dos mais importantes no conjunto da economia regional em termos de atividades agrícolas.

Os primeiros povoadores, isto é, proprietários e trabalhadores das fazendas Currealinho, Sussuapara, Samambaia e Bocaina, por intermédio da comercialização do gado vacum foram sem dúvida a célula inicial promotora do povoamento - no tempo e no espaço - da região picoense. As extensas pastagens de capim mimoso e camaratuba dispostas nos vales entre os morros e chapadas aliadas a disponibilidade de água constituíram-se em excelentes atrativos para a fixação dos tropeiros nesta hinterlândia do sertão nordestino piauiense. Aos poucos esses negociantes itinerantes passaram nos fins do século XVIII, a fixarem alé seus possuíos e residencias.

Entre 1820-1830, Borges Leal juntamente com o povo construiu sobre

uma pequena colina nas terras da fazenda Curralinho, a Capela São José (hoje Coração de Jesus) que passou a se constituir num pólo de atração e fixação de inúmeras famílias. Entre as primeiras chegadas, mencionamos a título de ilustração: Gomes Caminha, Fontes, Gonçalves Guimarães, Barros, Borges Marino, Moura, Martins, Rodrigues, Pereira, Nunes, Rocha e Macedo.

Na composição social desta famílias predominavam elementos oriundos de Pernambuco, Bahia e portugueses natos.

### 1) O SÍTIO PRIMITIVO DA CIDADE

Picos do século passado caracterizava-se pela estreiteza de suas ruas, pelos casarões antigos, pelos pequenos engenhos instalados nos vales e já empobrecidos pelo tempo, e também pelo espaço ocupado por algumas dezenas de pequenas casas residenciais, propriedades de antigos lavradores que acumularam algumas economias.

Em sua maioria eram residências minúsculas dispostas nas fraldas do morro da Mariana, estando este à cavaleiro das áreas subsequentes.

Pelo que consta dos documentos históricos, o povoamento iniciou-se próximo à desembocadura do riacho do Moura no Rio Guaribas. Na atualidade, constitui o tradicional e pitoresco bairro "Rua Velha".

A parte mais antiga do sítio primitivo da cidade correspondia a duas áreas com setores funcionais distintos, e as quais estavam separadas por um espaço revestido com cobertura de mata. A primeira, situava-se em torno do lago onde se localiza hoje a Capela Coração de Jesus (antiga São José). A segunda, situava-se na praça João Pessoa, junto a atual Igreja Matriz, local este onde se realizavam as feiras de gado.

O centro comercial primitivo organizou-se então ao redor da referida praça (lugar onde se localiza hoje o Mercado Municipal) que por sinal, permanece ainda como local onde são realizadas as feiras semanais, muito embora, na atualidade, a comercialização de gado tenha-se restringido ao mínimo.

De acordo com a tradição nordestina herdada dos colonizadores portugueses, as casas de Picos eram, além de apertadas entre si (tipo geminado), multicoloridas e possuíam a parte da frente voltada para a rua. Fazia excessão, os bairros com casas de sapapo ou de tijolos à mostra e que abrigavam a população mais pobre e desassistida da cidade.

Segundo os avisos do Ministério da Justiça de 28 de setembro de 1888, havia na vila de Picos mais de 100 casas com coberturas de choupanas, um

elegante e portentoso templo (construído em 1871), a Casa da Câmara, do Juri, um pequeno mercado, cerca de dez lojas e seis quitandas (quiosques), uma farmácia e um cemitério, configuravam o habitat da cidade.

Nas partes mais antigas da cidade o traçado das ruas era bastante irregular, sendo fruto do crescimento espontâneo, expansão peculiar característica da quase totalidade dos centros elementares das zonas de pastoreio extensivo do Piauí.

O habitat urbano primitivo de Picos pode ser considerado como sendo concentrado e desordenado, pois apresentava ruas sinuosas que se formaram através do aproveitamento dos caminhos de gado já existentes, e, que se convergiam para o núcleo urbano formado por duas praças irregulares.

O aspecto desordenado da planta urbana primitiva de Picos advém, como já mencionamos, das feiras anuais de gado com o consequente estabelecimento do comércio varejista, em virtude que os caminhos de gado que davam acesso à pequena praça foram escolhidos pelos comerciantes para estabelecerem as suas vendas e residências. A base desse comércio efetuado entre fazendeiros da região e tropeiros viajantes pernambucanos, baianos, etc., nasceu a primeira função econômica praticada: a feira de gado.

Gradativamente, com a expansão, foram aparecendo e desenvolvendo o comércio varejista. Nos primórdios a agricultura de subsistência estava representada basicamente, pelos cultivos dos seguintes produtos: mandioca, milho, feijão, alho e cana-de-açúcar. A pecuária praticada era do tipo extensivo e circunscrita aos vales acantonados entre os relevos de chapadas e serrotes.

Por volta de 1860-1870, chegaram a Picos algumas famílias italianas que contribuíram, de certo modo, para a modificação de hábitos alimentares, como exemplo o fabrico e consumo do macarrao caseiro

A indústria, praticamente caseira limitava-se ao fabrico de tecidos através do tear manual; aos aviamentos destinados a transformação da mandioca em farináceas e sub-produtos e as engenhocas utilizadas na transformação da cana. A maioria dos instrumentos industriais eram feitos de madeira e acionados à tração animal.

A primeira indústria de maior porte instalou-se a partir de 1930, dedicada a transformação da cera de carnaúba. Por muitas décadas, o crescimento industrial foi quase estacionário, e somente após a construção da primeira rodovia federal BR-020 que liga a cidade de Picos à Fortaleza (inaugurada em 1948) é que o crescimento industrial adquire o surto de expansão. Em 1952, havia cerca de 4 (quatro) usinas de beneficiamento de algodão, 3 (três) de beneficiamento de arroz, cerca de 525 engenhocas e um total de 950 aviamentos distribuídos pelo espaço da grande área do município.

Naquela época, o comércio já se fazia representar com 16 casas de tecidos, com 4 (quatro) firmas exportadoras de produtos regionais. As funções liberais eram exercidas por 9 profissionais no campo da saúde (três médicos, quatro farmacêuticos, dois dentistas) por três (3) advogados e alguns professores.

### A POSIÇÃO GEOGRÁFICA NO PASSADO

O município de Picos era limitado ao norte pelos municípios de Valença do Piauí e Pio Nono; ao sul, por Jaicós, Itainópolis e Simplício Mendes; a leste, por Jaicós, e a oeste por Oeiras.

O povoado instalou-se sobre uma fértil várzea entre o rio Guaribas e os montes picosos que lhe deram a toponímia. Insere-se na zona fisiogeográfica do Sertão, isto é, a sua paisagem está integrada a região do sertão centro-leste piauiense. Outrora, ocupava quase o centro do município, que era um dos maiores do Estado (superfície de 4.756 Km<sup>2</sup>) praticamente todo circunscrito à região do Polígono das Secas.

No período compreendido entre 1937 a 1963 o município de Picos perdeu grande parte do seu território resultante do desmembramento de sua superfície para formação de novos municípios (Itainópolis, Monsenhor Hipólito, Francisco Santos, Santo Antônio de Lisboa, Bocaina e São José do Piauí). Atualmente, o município conta com um único distrito - o da sede.

A cidade equidistancia 72 Km de Jaicós; 420 Km de Teresina; 300 Km de Amarantes, e cerca de 180 a 210 Kms das províncias limítrofes de Pernambuco e Ceará, locais estes onde se praticavam com maior amplitude as atividades comerciais vinculadas ao criatório Fortaleza, Aracati e Amarração eram e são os portos litorâneos mais próximos da mencionada região do sertão piauiense.

### 2) DA EXPANSÃO DO SÍTIO

Partindo do sítio primitivo que teve origem na fazenda Curralinho e que contava com um número restrito de habitações - englobava apenas a sede da fazenda com as moradias de seus agregados e das fazendas vizinhas - vê-se que até a década de 1950 Picos contou com um crescimento muito lento, todavia significativo. A ocupação espacial desenvolvida revestiu-se do caráter espontâneo, dado que não havia política de planejamento urbano. Ressalta o fato que as próprias condições naturais da área favorecia a esse tipo liberal de acomodação espacial.

A comercialização de gado bovino, equino, cavalariço, mulas, foi sem dúvida o embrião que permitiu o desenvolvimento progressivo da referida função praticada pelos fazendeiros locais e tropeiros das províncias limítrofes.

Estruturou-se assim o primeiro núcleo de povoamento e pouso de convergência comercial. Aos poucos, a atividade criatória foi-se expandindo e atingiu as áreas dos vales situados entre as chapadas da região. Seus povoadores procuravam na ocupação dessas pastagens criar uma economia agrícola de sustentação pastoril. Daí, a razão das atividades agro-pastoris processarem-se simultaneamente.

Outro fator importante que colaborou na expansão do sítio primitivo, foi a edificação de um marco religioso, a capela S. José, construída sob o signo da fé cristã, capaz de atrair e fixar as populações que demandavam a região a procura de melhores condições de vida.

As primeiras famílias imigrantes que aportaram ao povoado (década 1860/1870) foram: os Portelas, os Gervásios, os Stopelles, os Marcílios, os Prottas... etc., que deram significativo impulso ao povoado nascente.

Em 1871, novo marco religioso se fez presente - a igreja Nossa Senhora dos Remédios que mais tarde veio a ser demolida para dar lugar a então Catedral (matriz de Nossa Senhora dos Remédios, esta construída em estilo gótico colonial português e apresentando altares de mármore e vitrais artísticos).

No ano de 1888, como já mencionamos, Picos já contava com mais de cem (100) casas residenciais; várias choupanas; dois templos religiosos; um cemitério; câmara de júri; mercado municipal; várias lojas comerciais; quiosques de quitandas, e uma farmácia. A partir dessas melhorias no suporte da infraestrutura econômico/social da cidade, o fluxomigratório campo-cidade aumentou substancialmente, muito embora a expansão do sítio processou-se paulatinamente. Era um fato novo que se impunha como realidade concreta no contexto da paisagem picoense.

Inicialmente, o sítio primitivo desenvolveu-se em uns poucos hectares situados entre o leito do rio Guaribas e o morro da Mariana.

Os "caminhos de tropas" exerceram influência marcante nesta primeira etapa de crescimento do sítio. Entre os mais significativos, mencionamos:

- o que partia do centro comercial da igreja Nossa Senhora dos Remédios, passava pelo antigo cemitério (rua M. Hipólito) e conduzia ao matadouro municipal;
- outro, que ligava o sítio primitivo da capela São José à cidade

de Bocaina (centro histórico mais antigo das origens de Picos);

- havia o caminho de tropa que demandava a Teresina, responsável por expressivo crescimento ocupacional no sentido linear ao longo do seu percurso citadino.
- um outro roteiro buscava o sentido de Recife.

Essa preferência pela fixação seguindo o trajeto dos caminhos tropeiros devia-se à experiência de certos povoadores que eram cientes das vantagens que poderiam auferir dos referidos marcos civilizatórios.

No percurso daqueles caminhos naturais construíam caminhos e plantavam gêneros alimentícios, com os quais abasteciam os tropeiros. Havia ainda outras vantagens auferidas, como exemplo, a aquisição por preço reduzido de rêses impossibilitadas de seguir marcha rumo aos centros comerciais.

Todos aqueles caminhos que confluenciavam em Picos, muito contribuíram na implantação posterior de rodovias federais, estaduais e municipais. Como exemplificação, apresentamos a construção da via Oeiras-Picos com projetos iniciado em 16 de janeiro de 1920, levado à prática a partir de 1922, e término após 1940. Juntamente com a Central (BR-230..) que partiu de Teresina em direção a Picos, objetivam atingir os grandes centros litorâneos, Recife e Fortaleza.

Com a implantação dessas rodovias o isolamento do município foi rompido, e a acessibilidade tornou-se uma realidade concreta. De uma economia fechada de subsistência, Picos evoluiu para uma economia mais aberta, mais desenvolvida, passando a se destacar as chamadas culturas comerciais.

Na pecuária, houve a intensificação da mestiçagem do gado zebu com o curraleiro (pê-duro) o que possibilitou a melhoria do plantel. O escoamento da produção agro-pecuária passou a ser feito em direção para o sul do Ceará, Recife, Campina Grande, Fortaleza, Terezina, São Luis e Belém.

A ampliação da rede de estradas federais colocou Picos numa posição privilegiada em relação aos demais municípios regionais, tendo em vista que Picos transformou-se num dos mais importantes entroncamentos (nô rodoviário) não somente do centro-leste piauiense, mas de todo o Nordeste brasileiro.

A partir de então, houve maiores ligações da região picoense com o Nordeste Oriental, o Sudeste do Brasil e intensificou-se cada vez mais a invasão da economia de mercado. Pela mesma razão, agravaram-se os problemas socio-econômicos dos moradores citadinos na proporção que o êxodo das populações rurais para a cidade tornou-se acelerado, em virtude da função centralizadora regional de Picos.

Entre os fatores que mais contribuíram para o adensamento populacional no referido município e regiões adjacentes, contabilizamos: as estradas; as facilidades melhores quanto a obtenção de água (abastecimento a base de lençóis subterrâneos que a área de Picos possui em abundância); a função polarizadora de âmbito regional exercida pela cidade. Ressaltamos que esta função atende as comunidades urbano-rurais numa dimensão significativa de prestação de serviços básicos: atendimento médico-odonto-hospitalar; serviços educacionais, industriais, comerciais, bancários, sociais, religiosos, etc.

No plano interno da cidade, a expansão na direção norte margeando o eixo viário, e no sentido sul até encontrar a junção da curva do rio Guaribas (rumo S-SW), permaneceu inalterada até a década de 1960. A partir deste período, o confinamento urbano deixou de existir e novas expansões surgiram à margem da BR-230, nas localidades denominadas Junco e Bomba.

O estímulo dinamizador proporcionado pela BR determinando as ocupações que possibilitaram a formação dos referidos bairros, denota, na atualidade, ponderável tendência social, pelos novos segmentos populacionais que chegam a Picos.

Na área central do núcleo urbano, ao longo do tempo histórico, a população foi se fixando nas cotas mais favoráveis (altas) do morro da Mariana, em virtude das periódicas enchentes do rio Guaribas.

Tomando o referido morro como referencial de visualização global, presenciemos o crescimento distribuído na forma de um quadrilátero irregular apresentando três segmentos com ocupação humana efetiva (área central, bairro do Bomba, bairro MH) A distribuição estende-se, por um lado, do morro da Mariana à margem direita do Guaribas; por outro, do morro até a BR-230 (bairro Bomba).

Presentemente, o topo do morro da Mariana está sendo ocupado por residências de bom padrão habitacional, o que revela o interesse da classe mais abastada em individualizar, para o futuro, um bairro tipicamente burguês.

No plano interno da área central principal, o traçado espontâneo da cidade não favoreceu ao tráfego em consequência das irregularidades nos traçados das praças, bem como também a estreiteza das vias importantes. Definiu-se um eixo principal - a avenida Getúlio Vargas - com bifurcação na Praça Felix Pacheco, e dando sequência à duas estreitas ruas que bucam o largo João Pessoa e a praça da Prefeitura.

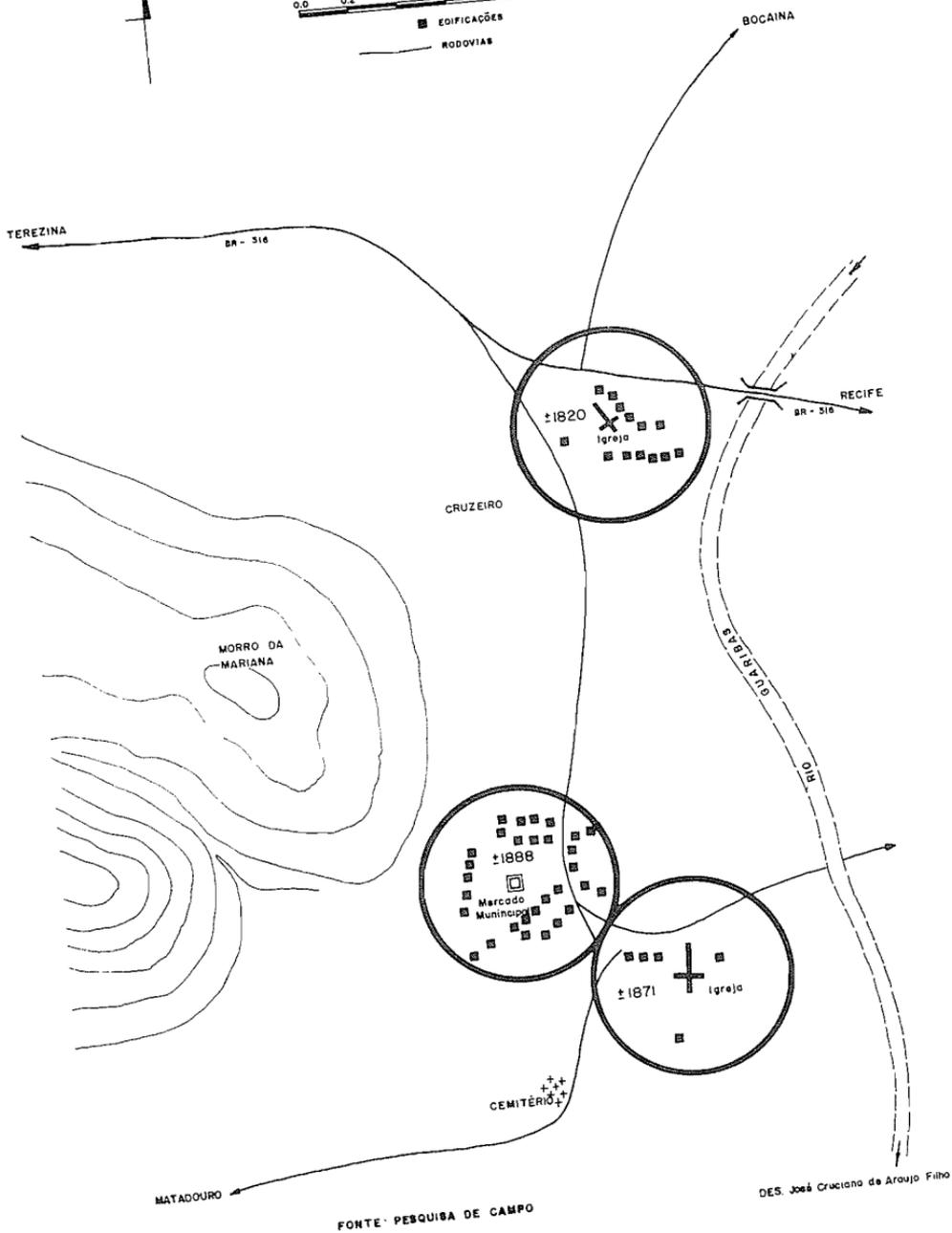
As ruas e avenidas mais amplas, bem como as novas praças planejadas surgiram após o ano de 1930, atraindo construções de residências modernas.

# SÍTIOS HISTÓRICOS PICOS - PI

N.G.



■ EDIFICAÇÕES  
— RODOVIAS



## OUTRAS LEIS PIAUIENSES

RESOLUÇÃO Nº 308 - Publicada a 11 de Setembro de 1851

Eleva a Freguezia a Povoação dos Picos do Termo de Oeiras, Crea uma Capella curada na Ribeira do Piauhy, e marca os limites do território, que a cada uma pertence, dando além disso outras providências a respeito.

Artigo 1º — Fica erecta em Freguezia a Povoação dos Picos do Termo desta Cidade, cujo Orago será N.S. dos Remedios, e seu territorio comprehenderá pelo lado da Freguezia de Oeiras as Fazendas Canabrava e Torta para cima, ficando para esta Freguezia pelo lado de Valença até o Cabeço, sendo os limites da nova Freguezia com aquella de Valença — pelo rio Guaribas acima do mesmo lugar, que servia para com o de Oeiras, e pelo lado de Jaicões com a ribeira do Riacho até a Fazenda d'este nome, pelo Riacho Santo Antonio até a Fazenda do mesmo nome, e pela ribeira do Itahim até a Fazenda Maria Preta.

## II - A INDÚSTRIA DE AVIAMENTOS

## 1 - DO PLANTIO E DO PREPARO DA TERRA

No conjunto da região estudada, a microregião homogênea denominada da Baixões Agrícolas que tem em Picos e seu pólo de maior desenvolvimento, o cultivo da mandioca assume uma regular importância quanto ao volume da produção para todo o Estado do Piauí. Nas micro-regiões chuvosas do Nordeste a cultura da mandioca atinge 45% da produção global do Estado, e está revestida de fundamental significado econômico-social no sentido do abastecimento da população picoinense.

O preparo e plantio da mandioca obedece ao emprego de técnicas simples; sem adubos e instrumental de trabalho técnico. O arado manual constitui a ferramenta mais avançada em termos de meios de produção.

A mandioca, juntamente com outras culturas de subsistência, tais como arroz, milho, feijão..., além de contribuir para a fixação do homem nas áreas produtivas, constitui um potencial alimentar deveras importante, levando-se em conta que toda a sua produção é canalizada para o mercado picoinense. Atualmente, ainda se utilizam somente espécies locais consorciadas com outras culturas, geralmente feijão e milho, o que ajuda a manter, e mesmo acrescer, o teor de fertilidade e produtividade do solo.

A mandioca é plantada no período chuvoso, isto é, logo após as primeiras chuvas no decorrer do mês. Na região de Picos, o plantio mais acentuado da rama ocorre no período de dezembro a março. Alguns lavradores queimam o restante dos pés de mandioca (caules, ramos e folhas) e misturam com a terra a fim de aumentar a fertilidade potencial do solo. Na prática, trata-se do emprego da calcinação do teor de cálcio, importante para o aumento da fertilidade e rentabilidade por ha.

O plantio apresenta um ritmo perene de continuidade, em virtude que após a colheita já se planta novamente, levando-se em conta que não se colhe toda a produção de uma só vez.

No que respeita a colheita, esta é feita manualmente com o auxílio da enxada e transportada para os aviamentos, no geral, situados próximos às áreas do plantio.

Os aviamentos são as unidades de transformação da mandioca em farináceas e sub-produtos. Geralmente, empregam meios de produção bastante rudimentares, cujas unidades, em sua maioria, são feitas de madeira, tais como: a prensa para espremer a massa da mandioca já ralada pelo triturador (movimento mecânico ou manual); a cisterna, espécie de cuia de madeira, recipiente onde recebe a massa; as polias, os jiraus para a secagem da farinha, etc., são exemplos da estrutura da madeira no corpo dos aviamentos. A pia, geralmente, é de cimento para coar a goma e o forno tosco é de barro sendo utilizado para torrar a farinha e fazer beijú.

No gráfico, ao lado representado, temos uma visão de conjunto das peças que compõem um aviamento.

A produção das farináceas ocorre nos meses de junho a setembro, isto é, logo após a colheita efetuada nas áreas produtoras.

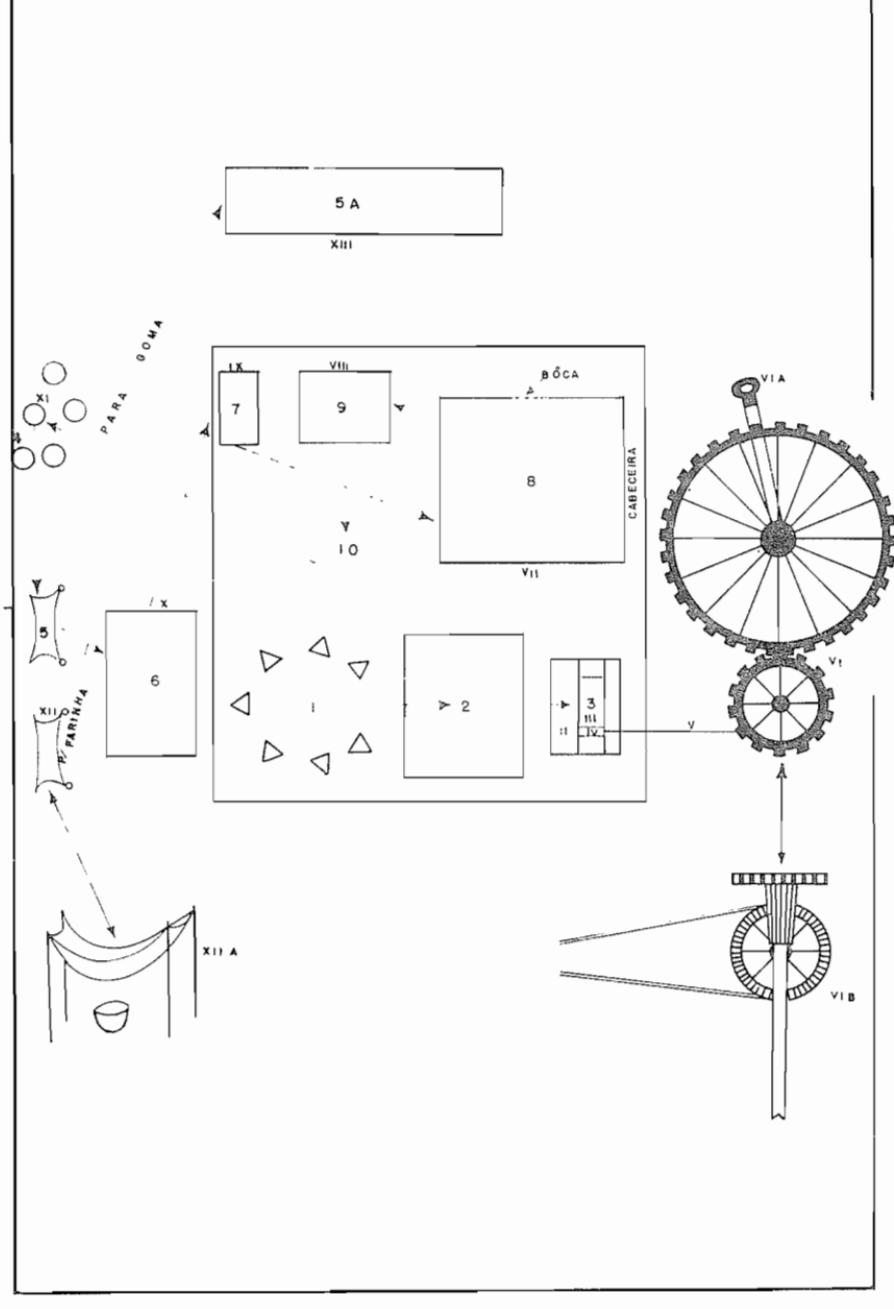
Nos aviamentos são realizadas todas as operações necessárias à transformação do produto natural, desde a retirada da casca da mandioca até a produção do beijú.

Na grande totalidade dos aviamentos o trabalho a realizar é manual. Podemos dizer trabalho artesanal, embora haja algumas unidades produtivas que já utilizam um pequeno motor a gasolina ou a óleo para rala da mandioca. Os habitantes locais denomina-o de "caititū".

Os problemas mais comuns a que estão sujeitos os proprietários dos aviamentos são:

- a falta de água para produzir (diga-se que a água comprada custa va ao consumidor no ano passado cerca de Cr\$ 1.500,00 o cami

## AVIAMENTO DE MANDIOCA



nhão-tanque);

- a pouca produtividade da terra;
- a escassês de mão-de-obra qualificada;
- ...

É muito comum o proprietário trabalhar a nível familiar. Geralmente, os empregados são remunerados de acordo com a função exercida e dias de trabalho executados.

O transporte da produção não representa um problema de monta em virtude da localização dos aviamentos. No geral, estes estão edificados quase sempre as margens ou bem próximos das rodovias. Também, pelo fato da produção ser comercializada localmente na área municipal de Picos nas feiras livres, nos mercados, e no próprio local da produção na zona rural.

Quanto aos preços dos produtos, a título de exemplificação, citamos o preço da "goma" (saco de 50 Kg) que varia de Cr\$ 4.000,00 a Cr\$..... 5.000,00; o preço da saca de farinha que fica entre Cr\$ 1.500,00 a Cr\$..... 2.000,00.

Concluindo, é importante notar que há em alguns aviamentos, no âmbito das relações de produção, a prática da parceria, da meia ou ainda o sistema 3-1 (terça), ou seja, duas partes para quem trabalha e uma para o proprietário da terra e do aviamento.

#### DESCRIÇÃO DO GRÁFICO DE UM "AVIAMENTO DE MANDIOCA"

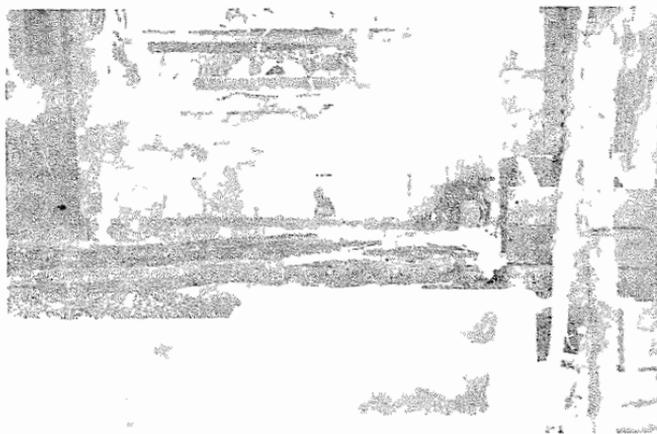
##### A) DISPOSIÇÃO DOS APETRECHOS (Em Numeração Romana)

- I - Surrão de esteira onde se colocam as raízes de mandioca depois de rasgadas.
- II - Entrada para o ralador.
- III - Ralador (por baixo o tanque que recebe a mandioca ralada).
- IV - Engrenagem que move o ralador.
- V - Polia que move a engrenagem do ralador.
- VI - Rodas da "boladeira".
- VI A - Travão da boladeira no qual se prende o animal.
- VI B - Detalhe da roda mentor da "boladeira".
- VII - Forno.
- VIII - Tanque de farinha já torrada.
- IX - Prensa.

- X - Tanque onde se deposita a massa para farinha.
- XI - Recipientes onde é feita a lavagem da massa para retirar o ácido cianídrico.
- XII - Coadores de pano onde a massa é posta para escorrer o excesso de ãgua.
- XII A - Detalhes de coadores.
- XIII - "Jirau" onde é posta a secar a massa que se destina à feitura da "goma".

#### B) ORDEM DE PROCESSAMENTO (Em Numeração Arábica)

- 01 - Raspagem das raízes de mandioca.
- 02 - As raízes raspadas são amontoadas.
- 03 - Ralador onde as raízes são transformadas em massa.
- 04 - Lavagem da massa (a massa é passada por sete águas, a fim de perder o ácido cianídrico).
- 05 - A massa é posta a escorrer para perder o excesso de água.
- 05 A - Porção da massa que se destina à obtenção de goma é posta a secar.
- 06 - Porção da massa que se destina à feitura da farinha é acumulada em um tanque.
- 07 - A massa para farinha é prensada.
- 08 - Forno em que se torra a massa até obtenção da farinha.
- 09 - Tanque em que se junta a farinha que vai sendo peneirada.
- 10 - Ensacamento da farinha.



TANQUE ONDE SE DEPOSITA A MASSA PARA FARINHA



FABRICAÇÃO DOS PÃES (BEIJÓS) DE MANDIOCA



JIRAU PARA SECAGEM DA FARINHA